

O GLOBO

Disco: Moacir Santos e Marcos Valle em CDs instrumentais • 2

SEGUNDO CADERNO

Cinema: Filme brasileiro é premiado em San Sebastián • 3

TERÇA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2005

7º FESTIVAL DO RIO



DOMINGOS OLIVEIRA e Priscilla Rozenbaum abrem a sessão de "Carreiras"

Sobre hoje e ontem

Filmes de domingo na Première Brasil celebram a inovação em duas épocas

Fotos de Fabio Rossi



À SAÍDA DA sessão no Odeon, a equipe de "O Sol", o filme, festeja a boa receptividade com a de "O Sol", o jornal, além de amigos

Jaime Biaggio

A noite de domingo na Première Brasil começou em clima de tributo ao que foi inovador no passado e terminou com uma proposta de inovação para o futuro. O documentário "O Sol — Caminhando contra o vento", de Tetê Moraes e Martha Alencar, é a homenagem de duas ex-integrantes da equipe do jornal alternativo de mesmo nome aos sonhos da geração à qual ele deu voz. O curto longa de ficção "Carreiras", de Domingos Oliveira, é o manifesto vivo de um cinema barato e que tenha espaço para a experimentação e o entretenimento coexistirem.

É compreensível que a lembrança de algo que já aconteceu, pela bagagem emocional que traz para os envolvidos, cause uma comoção mais imediata do que algo cujo impacto ainda está por acontecer (ou não). De fato, a catarse representada por "O Sol" para membros da geração 67/68 (havia vários, como Fernando Gabeira e Betty Faria, presentes tanto na tela quanto na platéia) era palpável. Ao final da sessão, enquanto subiam os créditos, os aplausos praticamente não paravam. Ainda assim, a recepção a "Carreiras" chegou bem perto disso. Houve gritos de "bravo!" ao final da projeção, e os comentários à saída eram, em sua maioria, francamente entusiasmados.

Entre os curtas-metragens que antecederam os dois longas, o contraste foi bem maior. "Babaú na casa do Cachaça — Verde e rosa blues", de Luiz Guimarães de Castro, filme rodado em vídeo em 1992 e só lançado agora, foi recebido com entusiasmo. Trata-se, basicamente, do registro informal de um encontro idem entre os dois sambistas, ambos já falecidos (Babaú em 1993, Cachaça em 1999), e tem o efeito das boas surpresas: um filme que ninguém sabia que existia e de cujos personagens todos imaginavam já terem visto os registros que existiam, à essa altura. Um mundo de distância para "Do mundo não se leva nada", de Charly Braun. O ganhador do prêmio de melhor curta no festival do ano passado ("Quero ser Jack White") apresentou este ano um trabalho francamente pueril, ainda que tecnicamente bem resolvido. Foi recebido com palmas esparsas, constrangedoras mesmo.

Uma confraternização em 2004 foi o ponto de partida de "O Sol"

• A novidade da noite foi mesmo "O Sol" ("Carreiras" teve passagens anteriores pelo FIC Brasília e pelo Festival de Gramado, onde Priscilla Rozenbaum ganhou o Kikito de melhor atriz). Estruturado a partir de um almoço-reunião da equipe do jornal, fundado em 1967 por Reynaldo Jardim, o filme descortina todo o panorama político, cultural e existencial daquela geração. Presentes ao encontro estiveram, além de Gabeira e Betty Faria, Gilberto Gil, Zuenir Ventura, Ruy Castro, Ítala Nandi, Hugo Carvana (marido de Martha Alencar) e a cúpula do "Sol" (que incluía, logo abaixo de Jardim e Ana Arruda, a própria Martha). Outros entrevistados, com depoimentos registrados fora dali, incluem Carlos Heitor Cony (também um ex-editor do "Sol"), Arnaldo Jabor, Ziraldo e Caetano Veloso, que na época namorava uma repórter do "Sol", sua futura esposa Dedé.

— A gente estabeleceu no roteiro que o filme começaria com uma celebração e aí filmamos no Instituto Histórico e Geográfico, em maio de 2004 — diz Martha. — A partir daí, a idéia era mapear um pouco onde está cada um hoje, o que aquelas pessoas estão fazendo.

A parte brasileira da programação do Festival do Rio no fim de semana incluiu ainda "Korda", de Marcos Andrade. Exibido em duas sessões na mostra Midnight Movies, domingo, o filme foi muito mal recebido. Alguns espectadores vaiaram. Outros aplaudiram de forma irônica. A Première Brasil continua hoje com "Tudo sobre rodas", de Sérgio Bloch, e "Cidade Baixa", de Sérgio Machado. O festival, como um todo, já vendeu até agora 65 mil ingressos, na soma dos três primeiros dias com os antecipados. ■

NO GLOBO ONLINE:

Veja trailers e a programação completa do festival www.oglobo.com.br/cultura

Um país que é uma voz

'Maria Bethânia: música é perfume' tem sessão de gala hoje

Leonardo Lichote*

• Nas cenas iniciais, o mar estoura em ondas na areia de Copacabana, o gari começa o dia catando o lixo dos banhistas, o vendedor de cervejas aguarda novos fregueses. No fundo, uma voz explica um Brasil (entre muitos), com o poema "Pátria minha", e um povo brasileiro (entre muitos), com a canção "Gente humilde". O motivo do filme, porém, não é o país — é a voz. Ou seria mesmo o contrário? Talvez nem um nem outro, talvez os dois. "Maria Bethânia: música é perfume" — com exibição de gala no Festival do Rio hoje, às 21h30m, no Espaço Unibanco 1, com a presença do diretor Georges Gachot — é sobre uma voz que é um país, um país que é uma voz: "Bethânia lembra um pouco a idéia de um país possível, algo que está perdido, mas está por aí", define Chico Buarque a certa altura do documentário.

Se Bethânia materializa um país possível o suíço Gachot se aproximou dessa terra como duplamente estranho. Ele não conhecia nada de música brasileira e nem da cantora quando, levado por um amigo, foi assistir a um show dela em Montreux, em 1998. Com experiência em documentários sobre

Divulgação



BETHÂNIA EM CENA: professora de Brasil

música clássica, ele saiu de lá certo de que faria um filme sobre a artista.

— Acredito que Bethânia concordou em fazer este filme porque eu não era brasileiro. Não tinha idéias preconcebidas. Cheguei como uma criança, perguntando coisas. Ela foi minha professora, ensinou-me o Brasil — diz, explicando por tabela porque tantas imagens de pessoas humildes, na verdade arquétipos de brasilerinhos.

Bethânia o aprovou com louvor.

— Ela ficou muito feliz. Enquanto via o filme, chorava e dizia: "Arrebentou, arrebentou" — lembra Gachot.

"Música é perfume" mostra Bethânia no estúdio, durante as gravações do CD "Que falta você me faz", e no palco, na turnê de "Brasileirinho". O filme tem depoimentos também de Dona Canô, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Nana Caymmi, entre outros.

*Do Globo On Line

DICAS

• **REPETECO BRASILEIRO:** Às 12h, no Odeon, tem sessão para o público seguida de debate de "Achados e perdidos", a adaptação de José Joffily para o romance homônimo de Luiz Alfredo Garcia-Roza. A vigorosa performance de Antonio Fagundes no filme conquistou a platéia no sábado. Em seguida, é a vez de "Missionários", de Cleisson Vidal e Andréa Prates.

• **JANE AUSTEN À INDIANA:** "Noiva e preconceito", que passa às 16h30m e

21h30m no Cinemark 9, é a versão Bollywood (a prolífica indústria cinematográfica da Índia) para o clássico da literatura inglesa "Orgulho e preconceito", de Jane Austen, mais conhecida aqui por "Razão e sensibilidade". No filme, dirigido por Gurinder Chadha, jovem indiana quer escolher seu próprio noivo, quebrando tradições.

• **CLÁSSICO BOLIVIANO:** É impossível entender o engajamento social do cinema latino-americano sem ver pelo

menos um filme do cineasta boliviano Jorge Sanjinés. Às 18h, no MAM, será exibida uma de suas melhores realizações, "Sangue de condor", de 1969, onde ele discute a barbárie política a partir da esterilização de trabalhadoras rurais. O filme está na mostra Cinema Que Pensa, que começa hoje.

• **MAIS UMA BAIXA:** O filme "Favela Shakespeare", de Kristiene Clarke, da mostra Brasil Com Z, não virá mais para o festival.